

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História

**BRUNO CERETTA SCHNORR**

Contato cultural na Apollonia tardo antiga através de  
um olhar sobre a cultura material

Porto Alegre  
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História

**BRUNO CERETTA SCHNORR**

Contato cultural na Apollonia tardo antiga através de  
um olhar sobre a cultura material

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para a obtenção do grau de  
Licenciado em História pelo Departamento  
de História do Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Marshall

Porto Alegre  
2012

**BRUNO CERETTA SCHNORR**

**Contato cultural na Apollonia tardo antiga através de um olhar  
sobre a cultura material**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para a obtenção do grau de  
Licenciado em História pelo Departamento  
de História do Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Marshall

---

Prof. Dr. Francisco Marshall – (Orientador) – UFRGS

---

Prof. Dr. José Rivair Macedo – UFRGS

---

Prof. Ms. Jonas Gregório de Souza – UFRGS

Porto Alegre, 18 de dezembro de 2012.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Professor Francisco Marshall, mestre e guru, por tudo que me ensinou e pelo exemplo de competência e empreendedorismo.

Agradeço aos meus pais que, com esforço e sacrifício, me sustentaram financeiramente durante 4 anos de curso.

Agradeço aos meus amigos, Fábio Faturi, Juliano Andrade, Nicoll Siqueira, Alexandra Alvim e Mayara Fernandes, que me sustentaram psicologicamente durante 4 anos de curso.

A minha avó materna, Tarsila Josefina Parusolo Ceretta, que morreu antes de ter o desejo realizado: ver a formatura do neto mais novo.

That's all.

Temos que olhar atentamente para as características gerais do ambiente em que as mudanças ocorreram. Só desta forma podemos evitar desde o início os anacronismos que incentivaram estudiosos modernos a investir em mudanças religiosas e sociais associando o fazer da Antiguidade Tardia a um falso ar de melodrama.

Peter Brown. The Making of Late Antiquity

## Resumo

O objetivo deste trabalho é examinar Apollonia na Antiguidade Tardia, e o contato entre as culturas greco-romana, cristã e judaica no espaço, na cultura material e no culto religioso, ampliando os estudos de Antiguidade Tardia (Peter Brown, 1971). Através da exegese analítica dos artefatos e plantas baixas é possível enxergar estas relações. Nos estudos já realizados em Apollonia, foram identificados casos de sincretismo religioso, de tradução cultural e de choques violentos, como, e.g., iconoclastia com figuras pagãs em lamparinas de uso cotidiano.

Palavras chave: Apollonia, cultura material, Antiguidade Tardia

## **Abstract**

The objective of this work is to examine Apollonia in Late Antiquity, and the contact between Greco-Roman, Christian and Jewish cultures in the space, material culture and religious worship, expanding studies of Late Antiquity (Peter Brown, 1971). Through of the analytical exegesis of artifacts and floor plans It's possible seeing these relationships. In previous studies in Apollonia, It has identified cases of religious syncretism, cultural translation and violent shocks, such as, e.g., iconoclasm with pagan figures in lamps for everyday use

Key words: Apollonia, material culture, Late Antiquity

## Lista de Ilustrações

Figura 1: planta topográfica do sítio de Apollonia, em 2010. Disponível em [http://www.tau.ac.il/humanities/archaeology/projects/proj\\_apollonia.html](http://www.tau.ac.il/humanities/archaeology/projects/proj_apollonia.html). Acesso em 20/10/2012.

Figura 2: *taboon* bizantino. Missão APO1998. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 3: cisterna bizantina. Missão APO1998. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 4 - complexo de tanques na *villa* marítima extra muros. Área E. Missão APO1998. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 5 – lamparina romana. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 6 – lamparina bizantina. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 7 - mosaico na entrada das ruínas de igreja bizantina. Área K. Banco de Imagens Projeto Apollonia.

Figura 8 - planta baixa da estrutura da Area R. Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 9 - Recorte da planta baixa da Área R, com as partes já escavadas ou em processo de escavação. Modificado pelo autor. Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 10 – Eduarda Peters (Ufpel) evidenciando o piso mosaico bizantino no tanque 2. Área R. Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 11 - Jarro cruzado de pequeno porte. Área R, Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 12 - Pote cruzado de pequeno porte. Área R, Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 13 - Parte da Área R pós intervenção da equipe brasileira. Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 14 - no vidro de perfume bizantino. Área R, Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

Figura 15 - Lamparina muçulmana de tamanho médio. Área R, Missão APO2012. Banco de Imagens Projeto Apollonia

## Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 - Romanização e identidade no Império Romano	15
Capítulo 2 - A Palestina tardo antiga e a cultura material de Apollonia	23
Capítulo 3 - A Missão APO2012 e as novas perspectivas de pesquisa	32
Considerações finais	39
Referências Bibliográficas	40

## Introdução

Recentemente, ao discutir a pós-modernidade, Perry Anderson descreveu na atualidade uma tendência de “celebrar o *crossover*, o híbrido, o pot-pourri” (ANDERSON, 1998: 23). Esta tendência é vista, na prática, na inexistência de fronteiras culturais claras e na percepção de um *Continuum* cultural. A historiografia, nos últimos 30 anos, tem se dedicado cada vez mais aos estudos de hibridismo cultural. Esta preocupação é natural diante do cenário contemporâneo, de encontros culturais frequentes e intensos.

Peter Burke (2003), que, no seu ensaio *Hibridismo Cultural*, apresenta um périplo pelos estudos sobre hibridização na cultura em diversos períodos históricos e locais geográficos, discute sua concepção de cultura, injetando no conceito categorias de análise amplas. Burke define *cultura em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações* (2003: 6-7). Esta definição de cultura norteia este trabalho.

Burke se insere dentro das discussões pós-coloniais de contatos culturais. Diz que *a ideia de que encontros culturais levam a algum tipo de mistura é uma posição intermediária entre duas visões do passado que podem ser criticadas como superficiais* (BURKE, 2003, 112). Estas duas visões são, por um lado, a alegação que uma cultura pode permanecer *pura*, e a afirmação que uma única cultura pode dominar, inteiramente, outra.

Stuart Hall discute o termo identidade e faz uma defesa do termo *hibridismo*, diferenciando-o de mestiçagem e sincretismo.

Algumas pessoas argumentam que o "hibridismo" e o sincretismo — a fusão entre diferentes tradições culturais — são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a "dupla consciência" e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos (HALL, 2006: 89)

Essa percepção teórica que evoca conceitos como contato cultural, identidade, hibridismo, sincretismo, mestiçagem, leva a um caminho único: entender as relações sociais e culturais entre as pessoas em sua

complexidade. Para Gruzinski, os *elementos opostos das culturas em contato tendem a se excluir mutuamente, eles se enfrentam e se opõem uns aos outros; mas, ao mesmo tempo, tendem a se interpenetrar, a se conjugar e a se identificar* (1999:45).

A cidade é palco e plateia desses fenômenos. O estudo da cidade na História tem servido de tema aglutinador apropriado à pesquisa, pois possibilita localizá-la em horizontes temáticos e conceituais mais amplos. A cidade testemunha um jogo de relações e mudanças culturais e religiosas no espaço urbano. Serve como instrumento de difusão e como instituição central de uma forma específica de organização social. Além disso, anotá-la em seu aspecto geral possibilita iluminar o entendimento funcional de Apollonia, especificamente neste trabalho, ao relacionarem-se as investigações arqueológicas atuais com a pesquisa das cidades no período helenístico e romano, o que nos fez problematizar esta questão e fortalecer tal interpretação.

Este trabalho tem dois objetivos. O primeiro é examinar Apollonia na Antiguidade Tardia, e o contato entre as culturas greco-romana, cristã e judaica no espaço, na cultura material e no culto religioso. O outro, Identificar os eventos já evidenciados pela pesquisa arqueológica e trabalhar com novas evidências da expedição *in loco*, na missão científica internacional Apollonia 2012, de 18 de agosto a 1º de setembro de 2012 (APO2012).

.....

A partir do século IV a.C., a cidade-estado de Roma cresceu e dominou os territórios na península Itálica, vencendo os Veios (396 a.C.) e Tarento (282-272 a.C.). Em 264 a.C., a conquista romana na Itália havia sido concluída. Após o controle interno, os romanos partiram à conquista de novas terras. Seguiu-se o domínio de Cartago (Guerras Púnicas de 264-146 a.C.). Após a derrota cartaginesa, Roma aumentou o seu território, com a anexação da Sicília, Córsega, Sardenha e Península Ibérica (218 a.C.). No Oriente, os romanos dominaram a Macedônia (148 a.C.), Grécia (146 a.C.), Pérgamo (129 a.C.) e Síria (64 a.C.). Esta expansão chega a uma região que se localiza em uma faixa estreita entre a África e a Ásia, chamada por Heródoto (geógrafo e

historiador grego do século V a. C., no livro VII de suas *Histórias*<sup>1)</sup> de Palestina (Παλαιστίνη). A partir de 63 a.C. os exércitos de Roma, liderados por Pompeu (general e político, 106-48 a.C.) conquistam a região. Até 395 d.C. ela se torna um principado romano, sujeito à toda estrutura política, econômica, social e cultural da Península Itálica.

O contato entre as culturas romanas e provinciais, no caso as tradições locais palestinas, acontecia dentro de uma dinâmica bidirecional. Não é possível, entretanto, perceber que, apesar desta situação bidirecional, tem em si uma constituição assimétrica das relações entre o centro e as periferias.

Dentro deste macro contexto esta monografia trabalhará com um estudo de caso da cidade de Apollonia. Com a ocupação romana, tornou-se palco de agitações decorrentes do contato entre diferentes tradições. Destaca-se o processo de intensa cristianização do espaço, com a grafia de símbolos cristãos em diversos locais, inclusive os de natureza aparentemente econômica, como é o caso do interior da cisterna, onde são vistos crucifixos em posição central<sup>2</sup>. Se estes indícios não permitem identificar etnia, podem sem dúvida indiciar o novo credo religioso dos ocupantes, e sua dedicação em exibir os símbolos deste credo, em uma nova demarcação do espaço urbano. Estão aí presentes traços do grande conflito teológico, cultural e político entre cristianismo e paganismo.

A questão que fica a ser respondida é *de que forma ocorreu e quais os resultados do contato entre romanos pagãos e cristãos e as culturas que coexistiam na Palestina diante da dominação romana, a partir do estudo de caso da cidade de Apollonia, no período tardo antigo? Analisar o sítio de Apollonia nos permite compreender a construção do orbis romanorum e as relações estabelecidas, ampliando os estudos de Antiguidade Tardia (Peter Brown, 1971<sup>3</sup>).*

---

<sup>1</sup> Heródoto. *Histórias*. Rio de Janeiro: Ediouro. 1988.

<sup>2</sup> Cf. vocábulo Apollonia-Arsuf em Stern, 1993:72.

<sup>3</sup> BROWN, Peter. *The world of Late Antiquity A.D 150-750*. New York: WW Norton & Company. 1989

A Antiguidade Tardia<sup>4</sup> representa uma narrativa histórica que esclarece as novas condições do paganismo antigo, dentro do contexto de crescimento e difusão do cristianismo. Supressão das práticas pagãs e de controle dos conflitos internos, sobretudo envolvendo os hereges. Neste período a cidade de Apollonia conheceu, além de prosperidade econômica, um momento de estabilidade social.

Após a segunda e última revolta dos Judeus, a Revolta de Bar Kokhba, que teve fim em 135 d.C, o avanço da cultura romana e do cristianismo se intensificou. Depois de Constantino (272-337 d.C.) e seus sucessores, as comunidades cristãs puderam contar com o apoio imperial para ter a liberdade de credo e difundir o cristianismo aos demais. Neste processo, as edificações e objetos de cultura greco-romana pagã foram constantemente destruídos, em ataques diretos e legais. No sítio de Apollonia há referências claras, como a atitude iconoclasta de representações eróticas e mitológicas pagãs em cerâmicas de iluminação, no caso, lamparinas.

.....

O que é a cidade se não paisagem do movimento? Esta pergunta implica *compreender esta dimensão mais profunda da cidade, suas relações e projeções, implica perceber ruas e casas, templo e altares como semantemas de códigos culturais mais densos, semantemas cuja sintaxe descreve exatamente e identidade e perfil visível de uma cultura.* (MARSHALL, 2000, 115).

Em Apollonia os estudos que compreendem a paisagem são providenciais, notadamente, pelo baixo número de artefatos encontrados sobre o período tardio devido à ausência de pesquisas e de trabalhos de campo. Para Marshall *perceber a alteração cultural na paisagem implica estender o olhar para um conjunto de eventos na área de Apollonia, marcas e efeitos da ação do homem sobre o ambiente* (MARSHALL, 2003: 117).

O trabalho de Boado sintetiza os estudos sobre Arqueologia de Paisagem e esclarece as metodologias para este trabalho. Para o autor a

---

<sup>4</sup> Este termo será também discutido e problematizado no Capítulo 1.

Arqueologia da Paisagem é uma estratégia de investigação que compreende o estudo de todos os processos sociais e históricos em sua dimensão espacial ou, melhor, que pretende reconstruir e interpretar as paisagens arqueológicas a partir dos objetos que os concretizam. (BOADO, 1999: 6)<sup>5</sup>

O método considera as intervenções humanas como construtoras da paisagem; a partir dos vestígios deixados por estas intervenções – construções, gravuras, pinturas, fogueiras, sepultamentos - e de suas relações com os aspectos naturais do lugar em que estão pode-se dizer sobre a maneira como os povos ou grupos que intervieram na paisagem lidavam com o meio. Boado acrescenta

Tendo em conta que a paisagem, como todo produto humano, é a observação de uma intenção, sentido e racionalidade prévia que se atualizam em elementos formais concretos e que, como tal, esses elementos devem representar de algum modo os contornos daquela racionalidade. (BOADO, 1999: 9)

Neste trabalho utiliza-se a cultura material mais do que outros tipos de fonte, pois as evidências textuais sobre a Palestina não dão conta de entender o cenário das relações entre as diferentes culturas. A materialidade trabalha com *tudo que dá vida ao quotidiano, principalmente das grandes maiorias silenciosas da História* (KERN; DIAS, 1990:124).

Cabe ressaltar que o estudo e compreensão de problemas relacionados à História Antiga Mediterrânea, especialmente quanto aos períodos helenístico e romano, deve ser percebido como um elo importante de um contexto histórico e cultural mais amplo, permitindo-se a potencialização de seu estudo face a uma visão de conjunto das civilizações mediterrâneas antigas. Este pesquisa justifica-se primeiramente pela escassez de estudos sobre a Antiguidade Tardia no Oriente Próximo, mas também pelo fato do mesmo fenômeno ocorrido em Apollonia pode ser encontrado em todas as áreas onde houve dominação romana.

O trabalho é dividido em três capítulos. Primeiro, estabelecer uma discussão introdutória, conceitual e historiográfica, sobre as características das relações entre centro e periferia. Serão trabalhados termos como identidade,

---

<sup>5</sup> Teniendo en cuenta que el paisaje, como cualquier producto humano, es la observación de la intención, el significado y la racionalidad se actualizan antes de elementos formales en concreto y como tal, estos elementos deben de alguna manera representar los contornos de que la racionalidade (BOADO, 1999: 9).

romanização e contato cultural no Império Romano, a partir do início dos conflitos pagãos/cristãos. No segundo capítulo parte-se para Palestina e as características de sua constituição tardo antiga. Após, apresenta-se as evidências da cultura material em Apollonia dentro da cronologia proposta por esta monografia. O terceiro e último capítulo versa sobre os trabalhos da equipe brasileira em no sítio de Apollonia, na missão AP 2012, relatando o momento da escavação e as interpretações recentes dos achados.

## Capítulo I – Romanização e Identidade nos Império Romano

Entre o final do século XIX e início do XX, foi desenvolvida uma formulação teórica que se tornou o principal modelo explicativo sobre a relação entre o Império Romano e suas periferias. Criada, notadamente por Theodor Mommsen, Francis Haverfield e Camille Jullian<sup>6</sup>. Os três historiadores europeus, compilaram obras extensas que continham sua percepção teórica mais evidente: a Romanização. Suas ideias, influenciadas pelos conceitos de *progresso e desenvolvimento*, caros à maioria dos pensadores do século XIX, tinham por princípio entender as transformações culturais experimentadas pelas periferias do Império, em uma dinâmica unilateral de aculturação.

Os autores, especialmente Haverfield<sup>7</sup> (1915), denomina "*Romanização*" a maneira de não romanos receberem uma nova língua, cultura, arte, estilo de vida urbana e religião. Suas duas conclusões sobre o processo foram: primeiramente, romanização, no geral, visa extinguir a distinção entre romanos e provinciais, em relação à cultura material, política e língua; como outra conclusão, é afirmado que o processo não foi igual em todo lugar e não destruiu, de uma vez só, todos os traços tribais. Nestas teses está intrínseco o modelo colonial europeu, que dividia as sociedades entre primitivas e avançadas.

A tradição historiográfica do final do século XIX a meados do XX, imbuída pela atmosfera eurocêntrica, consagrada pelo contexto histórico do imperialismo moderno, conceitua romanização como um modelo de aculturação, tendo sido útil para explicar que Roma iniciou um processo civilizatório amplamente aceito pelos nativos, pois significava progresso e paz. A idéia (sic) central desta visão pressupõe a existência de um primitivo nível de cultura e que as populações indígenas tinham pouco a fazer a não ser observar a "alta cultura" dos colonialistas. (MENDES; BUSTAMANTE; DAVIDSON, 2005: documento eletrônico)

---

<sup>6</sup> Theodor Mommsen cf. *Römische Geschichte* (1854-1856) disponível em inglês <http://www.gutenberg.org/ebooks/10701>; Francis Haverfield cf. *The Romanization of Roman Britain* (1905); Camille Jullian cf. *Histoire de la Gaule* (1907-1928) disponível em francês <http://ia600400.us.archive.org/33/items/histoiredelagaul05julluoft/histoiredelagaul05julluoft.pdf>.

<sup>7</sup> Haverfield, pertencente à escola intelectual britânica, encontra em Darwin um elemento teórico que fornece a base de sua ideia de sobrevivência, ou no caso imposição, do mais apto sobre o menos.

Denominam-se estes processos de mecanismos de romanização, que atuaram como distintas formas de discursos hegemônicos. A partir destas considerações, é possível afirmar que o termo *Romanização* é um modelo, utilizado na explicação das mudanças culturais geradas pelo domínio romano, em uma dinâmica relacional entre as identidades provinciais (periferia) e a cultura romana (centro).

Com base na apropriação do termo *imperium*, a historiografia do século XIX construiu a definição de império como a política expansionista e incorporadora, empreendida por Estados, que passavam a exercer por conquista a soberania sob ampla extensão territorial (MENDES; BUSTAMANTE; DAVIDSON, 2005: documento eletrônico)

Este processo deve ser entendido como a própria cultura integrante das formas de imperialismo, cujos mecanismos divulgavam o projeto de *identidade* romana no contexto de *mundialização do mundo antigo*. Nas análises recentes, notadamente as pós-coloniais, é possível enxergar um abandono do termo romanização como um elemento impositivo. Envolveu processos interativos que implicaram em diferentes níveis de coerção, recompensa, transformação estrutural, cooptação, resistência e acomodação.

Esta visão, inspirada pelo ambiente da qual foi desenvolvida, está superada academicamente. A virada aconteceu com a chamada *Descolonização*, recuperação por parte das colônias, de sua independência. Neste momento iniciou-se, de forma sistemática, a valorização das minorias e dos vencidos. Começou-se a prestigiar os povos que antes eram apenas coadjuvantes na antiguidade, à espera da civilização greco-romana. A partir destas discussões, outro conceito pode ser discutido, o de *Identidade*.

Entende-se Identidade como um processo de identificação em relação ao *eu* e o *outro*, estabelecendo um sistema complexo de reconhecimento. É a construção do *eu* em relação ao *outro*. Ela pode ser vista em caráter individual, mas, sobretudo, como a percepção de um grupo sobre si mesmo diante de outro.

Dentro desta concepção de identidade para os romanos, está a crença de uma missão civilizadora predestinada, criada e desenvolvida para

estabelecer o *ser romano*. Guarinello discute as diferentes formas que a historiografia entendeu o contato cultural dos romanos em suas fronteiras. Através do conceito de identidade<sup>8</sup>, o autor comenta

O Império passou a ser visto como um jogo de múltiplas identidades em diálogo, como um sistema de comunicação comum: no Oriente através do reforço e da valorização de uma nova identidade grega, centrada na língua e na cultura escrita, que permitia às elites urbanizadas assumirem seu papel no Império. (2010: 116)

Mas para o Império este conceito é complexo. Todo o processo passa por uma des/construção identitária. Há a intervenção local, a imposição e a nova realidade, mas também há um jogo. Uma disputa de identidades a partir da visão de um Império pluriétnico e pluricultural. Não simplesmente um processo de globalização, mas sim de micro globalização. O que está em jogo são as adaptações locais à realidade global, mas sem perder inteiramente a identidade da província. Diferentes resultados aparecem para diferentes casos. A cultura romana não é a mesma na Britânia e no Egito, nem na península Itálica e na Palestina. A identidade é um processo de construção social, de inclusão e exclusão. Por isso que *se desfizeram nos últimos anos as noções de uma identidade grega, ou mesmo romana, como entidades fixas, ressaltando sua instabilidade ao longo do tempo, seus processos de criação e mudança, sua eficácia social*. (GUARINELLO, 2010: 116).

Mas houve um custo para as províncias. Questões como a imposição de um só poder, pobreza marginal, repressão a contestações e a própria criação de margens dentro do Império, notadamente rurais, vieram a tona. Mas o Império não tinha alternativas diante da discrepância das províncias. Não houve consenso nem paz, mas a criação de um sistema de exploração. Tudo que aconteceu como alternativo a isto, não faz parte de uma regra geral, mas sim estudos de caso. Muito do que o poder central estabeleceu foi imposto, *as revoltas dos judeus, a ascensão do cristianismo, propondo um novo ordenamento da vida em meio às cidades do Império, a literatura apocalíptica e o banditismo generalizado são exemplos de como a integração se fez à custa da maioria da população* (GUARINELLO, 2010: 127)

---

<sup>8</sup> Para uma discussão acerca do tema com uma conotação política cf. Pedro Paulo A. Funari e Maria Aparecida de Oliveira Silva (org.) Política e Identidade no Mundo Antigo. São Paulo: Anna Blume, 2009.

Pode-se entrar na discussão religiosa, fundamental para entendermos a relação centro-periferia no Império e a própria constituição do Mundo Antigo. Tema central de várias pesquisas, a imposição de cultos ou mesmo a repressão dos mesmos sempre é uma questão complexa. No período romano tardio, com a difusão do cristianismo no seio do Império, as experiências de contato entre diferentes religiões se intensificaram.

A história do cristianismo na Antiguidade tardia se confunde com a romana. Após século de perseguição, Galério emite o Édito de Tolerância de Galério, em 311, em que coloca fim à proibição do culto cristão. Dois anos depois, em 313, Constantino I promulga o Édito de Milão, que tornou o cristianismo religião oficial do Império. A adesão de Constantino foi decisiva para a Igreja cristã. Após sua vitória, ele apoiou financeiramente a Igreja, construindo basílicas e concedendo privilégios ao clero, como a isenção de impostos que os sacerdotes pagãos possuíam.

Naturalmente que para o avanço do cristianismo no seio do Império intervieram inúmeros fatores, incluindo a habilidade dos sacerdotes cristãos em fornecer respostas aos anseios da população ao conjugar elementos extraídos da cultura e do imaginário pagãos com os cânones da fé que professavam (SILVA, 2003: 168)

O Império precisava lidar com diferentes religiões, que carregam consigo variados modelos culturais. Era preciso uma estratégia que, por um lado, reafirmasse a fé cristã como suprema, e por outro, não entrasse em choque, direto e violento, com as religiões que coexistiam, em especial, a pagã e judaica. Peter Brown sugere uma interpretação sobre o tema.

Eu gostaria de sugerir, inevitavelmente e muito breve, que o surpreendente número de fragmentos de evidências da coexistência pacífica de pessoas de diferentes fés durante o Império Romano tardio, o persistente déficit na aplicação de leis intolerantes, faz sentido se visto em termos de técnicas de governo estabelecidas em longo prazo que foram incorporadas em códigos de comportamento tradicionais<sup>9</sup> (BROWN, 151:57)

---

<sup>9</sup> I would like to suggest, inevitably very briefly, that the surprising numbers of fragments of evidence for the peaceful coexistence of persons of different faiths throughout the late Roman period, and for persistent shortfall in the application of intolerant laws, make sense if seen in terms of long-established techniques of government that were embedded in traditional codes of behavior. (BROWN, 151: 57)

Nota-se que, no momento em que o cristianismo se torna religião de imperadores, haverá a necessidade de procurar e identificar figuras de alteridade, que de uma forma concreta, sustente o discurso de onipotência do Império e ao mesmo tempo a glória desta religião, que está destinado ao triunfo sobre todos os domínios romanos e o mundo civilizado. Para Silva *o que se forja nesse momento, e isso de modo paulatino, é uma nova identidade para o conjunto da sociedade romana.* (SILVA, 2003:175). Esta nova identidade passa necessariamente por uma aglomeração cultural para se afirmar, necessária à complexidade e diferenciação dos cantos do Império

A formulação de uma ideologia que exige a supressão dos inimigos religiosos como condição sine qua non para a manutenção do Império é a contrapartida do surgimento de uma realeza sagrada de inspiração helenística a qual, um pouco depois, virão se acrescentar elementos extraídos da tradição judaico-cristã, realeza esta que costumamos designar com o nome de basilea. (SILVA, 2003: 169)

Eusébio de Cesarea (265-339 d.C.), bispo de Cesarea, é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do Cristianismo primitivo. Sua obra História Eclesiástica, um trabalho em que Eusébio tentou, de acordo com as suas próprias palavras, apresentar a história da Igreja desde os apóstolos até seu próprio tempo. Possui o mérito de recuperar documentos anteriores aos seus escritos e incorporá-los em seu texto, mesmo considerando a falta de referências sobre eles. Em um trecho Eusébio publica uma carta imperial em que prevalece a tolerância religiosa:

*Ao considerar, já há tempo, que não se há de negar a liberdade de religião, mas que se deve outorgar à mente e à vontade de cada faculdade de ocupar-se dos assuntos divinos segundo a preferência de cada um, tínhamos ordenado aos cristãos que guardassem a fé de sua escolha e de sua religião.*  
Capítulo V livro X

Além disso, Eusébio reverencia a glória do cristianismo e sua nova condição no Império, frente aos outros cultos, após a morte de Maximiano (imperador romano de 286-305 d. C.). Eusébio, em toda sua obra refere-se à ele como um tirano.

*Morto desta maneira Maximiano, único sobrevivente dos inimigos da religião e que manifestou ser o pior de todos, as igrejas surgiam, pela graça de Deus Todo poderoso, reconstruídas desde os fundamentos, e a doutrina de Cristo,*

*rutilante para a glória de Deus do universo, alcançava uma liberdade confiante, maior do que a de antes, enquanto os ímpios inimigos da religião se cumulavam de vergonha e desonra. Capítulo XV, livro IX*

Quando Eusébio comente sobre os inimigos da religião, tem em mente os pagãos. Não é possível falar em paganismo como religião antes do advento do cristianismo

A adoção da palavra latina *paganus* pelos cristãos como um termo pejorativo abrangente para politeístas, representa uma vitória imprevista e, singularmente, de longa duração de um grupo religioso, com o uso de uma gíria do latim originalmente desprovida de significado religioso. (BROWN, 1999: 45)

Não se pode ver o processo de cristianização do Império como algo imposto à todos. O governo romano procurou, de forma sistemática e continuada, a aceitação da nova fé, através de variadas estratégias, a principal delas foi o uso de elementos de outros cultos, que foram incorporados aos ritos cristãos.

A atitude do estado frente aos monumentos pagãos está relacionada, em uma mão, à política religiosa imperial, e na outra, às realidades culturais e sociais da época. Tem sido afirmado, frequentemente, que a cristianização do Império foi um processo lento. Os imperadores tentaram, cuidadosamente, integrar os Cristãos dentro do Império<sup>10</sup>(SARADI-MENDELOVICI, 1990: 48).

Todas estas discussões podem ser inseridas dentro de um período cronológico, que possui características *sui generis*. A Antiguidade Tardia, tem como periodização<sup>11</sup> mais comum do século II d.C. até a coroação de Carlos Magno como Imperador dos Carolíngios no natal do ano 800 d. C. Ela acaba quando as estruturas romanas já estão superadas, tanto no Ocidente quanto no Oriente (dominação árabe já se estende pela África do Norte e Ásia Menor). Compreende o período de consolidação institucional do cristianismo, que passa

---

<sup>10</sup> The attitude of the state toward pagan monuments is related on the one hand to imperial religious policy, on the other hand to the cultural and social realities of the time. It has often been stated that the Christianization of the empire was a slow process. The emperors tried carefully to integrate Christians into the empire. (SARADI-MENDELOVICI, 1990: 48)

<sup>11</sup> Não há total consenso sobre a cronologia da Antiguidade Tardia. Utiliza-se neste trabalho a periodização de Peter Brown e outros historiadores a partir da década de 70. Cf. Arnaldo Marcone. La tarda antichità o della difficoltà delle periodizzazioni. *Studi Storici*, Anno 45, No. 1, Gli "Spazi" del tardoantico (Jan. – Mar., 2004), pp. 25 – 36. P. 34 e Edward James. The Rise and the Function of the Concept "Late Antiquity". *Journal of Late Antiquity*, Volume 1, Number 1, Spring 2008, pp. 20 – 30. pp. 21 – 22.

de uma religião marginal, surgida nas províncias do Império Romano para se tornar a religião oficial do Império.

Mas as discussões envolvendo o termo Antiguidade Tardia são recentes<sup>12</sup>, datadas, notadamente, após a publicação de *The World of Late Antiquity*, por Peter Brown, em 1971. Nesta obra Brown propõe uma nova interpretação do período de vai do século III até o VIII d.C. A interpretação tradicional deste período era centrada em torno da ideia de decadência da *era de ouro*, a civilização clássica. Era influenciada pelo trabalho do historiador inglês Edward Gibbon<sup>13</sup> e sua obra *The History of the decline and fall of the Roman Empire*, publicada em seis volumes entre 1776 e 1788. Ao contrário Brown propõe uma visão em termos positivos, dotando a Antiguidade Tardia como um período de inovação cultural. Edward James resume a base das novas interpretações

Espiritualidade pode ser uma das principais forças motrizes do projeto de Antiguidade Tardia; mas existem outros dois: a insistência na continuidade a, intimamente relacionado, a rejeição do conceito de *declínio*. Continuidade, é claro, é construída dentro da ideia de *Antiguidade Tardia*: seu propósito principal é negar a importância das invasões bárbaras ou da queda do império ocidental, e assim, inevitavelmente, adiar o início da Idade Média. Tal é o poder de continuidade que qualquer mudança repentina é negada: a crise do terceiro século tem sido minimizada, e até a queda do império ocidental se tornou um não evento<sup>14</sup>. (JAMES, 2008: 27)

Brown foi influenciado, notadamente nos primeiros trabalhos pela escola francesa dos Annales, Fernand Braudel<sup>15</sup> em especial. Dos Annales,

---

<sup>12</sup> O termo já era há usado por historiadores da arte. Na escola alemã, a palavra *Spätantike* já aparecia na obra de Alois Rigel (historiador da arte austríaco), na segunda metade do século XIX.

<sup>13</sup> GIBBON. Edward. *The History of the decline and fall of the Roman Empire*. Obra integral disponível em <http://www.gutenberg.org/files/25717/25717-h/25717-h.htm>.

<sup>14</sup> Spirituality may be one of the main driving forces of the Late Antiquity project; but there are two others: the insistence on continuity and, closely related, the rejection of the concept of “decline”. Continuity, of course, is built into the idea of “Late Antiquity”: its main purpose is to deny the significance of the barbarian invasions or of the fall of the western empire, and thus, inevitably, postpone the onset of the “Middle Ages.” Such is the power of continuity that any sudden change is denied: the “crisis of the third century” has been downplayed, and even the fall of the western empire has become a non-event. (JAMES, 2008: 27)

<sup>15</sup> Cf BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. Lisboa: Martins Fontes, 1983. Neste trabalho Braudel utiliza o conceito de *longue durré*, das Ciências Sociais, minimizando a importância de eventos específicos.

Brown se inspira ao analisar cultura e religião como fenômeno social, parte do amplo contexto de mudança e transformações históricas. Outra influência foi de fazer a união entre Sociologia e Antropologia como ferramentas interpretativas para a análise histórica.

Estas discussões ajudarão a compreender a paisagem urbana da Palestina tardo antiga. No próximo capítulo seguir-se-á para a Palestina. Na Antiguidade Tardia foi celeiro de todas as relações complexas descrita até agora entre o centro - periferia e as elites locais. Com um acréscimo: a presença da tradição cultural judaica. Após visitar esta estreita faixa de terra, chegar-se-á à Apollonia, apresentando sua cultura material referente à Antiguidade Tardia nas camadas de ocupação romana e bizantina.

## Capítulo II – A Palestina tardo antiga e a cultura material de Apollonia.

Νάος δέ μεγίστος εν πόλει προυτηρχε. Τάκα, οίμαι, Αδριανηιον τουτον εκάλον. Ατελέσ δε τουτο τό Αδριανηιον διαμειναι ταχα οι πολιται εισ δεμοσιον λουτρόν επειρωντο επισκευασαι<sup>16</sup>

*“Existia um grande templo na cidade, o qual eu penso que era chamado Adrianeion. Desde que manteve-se inacabado, os habitantes esforçaram-se para convertê-lo em um banho público”<sup>17</sup>*

Este é o relato de Epifânio, bispo de Salamina (Chipre), escrito entre 374 e 377 d.C. Fala da conversão de um templo pagão em um banho público. Este é apenas um dos indícios de mudança cultural nas terras orientais romanizadas. Um templo pagão e um novo entendimento do espaço urbano na tardo antiguidade.

Três grandes características derivam da transição entre Antiguidade e Medievo nos domínios orientais do Império: *ascensão do cristianismo, resistências às ameaças do oriente* (muçulmanos) *e a preservação da cultura greco-romana* (LETONA, 2003, 1). Apesar da queda do Império ocidental, Bizâncio considerava a si mesmo, herdeira de Roma e guardiã da cultura helênica romanizada.

A Palestina é uma estreita área situada entre a África e a Ásia, funcionando como uma espécie de ponte entre estas regiões, com um território de 34.000 km<sup>2</sup>. Encontrava-se dividida em áreas menores: Judéia, Samaria e Galiléia, à oeste; Ituréia, ao norte; Gualanítade, Batanéia, Traconítide, Auranítide, Decápole e Peréia, à leste e Iduméia ao sul.

O período romano na Palestina foi envolvido pela imposição do governo imperial em uma área dominado pelo sistema de poder através de dinastias. Neste período a população (a partir de 63 a.C.) resistiu e ao mesmo tempo desenvolveu-se sobre o guarda-chuva da *pax romana*. Após um breve período de centralização no governo herodiano (37 a.C – 100 d. C), os

<sup>16</sup> Epiphanius. Panar. haer. XXX.12, PG XLI, 425b; ed. Holl, p. 347. Relato em grego tardio.

<sup>17</sup> Tradução do grego pelo autor.

romanos devolveram poder ao nível municipal, apesar de acima de tudo, existir um imperador.

Durante a ocupação romana diversas cidades foram fundadas. E dentro dessas comunidades diferentes instituições e culturas estiveram em contato. Como afirma Bastos, a Palestina era importante *para o império romano em termos culturais, econômicos e estratégicos* (2011: 19). Em Apollonia, a presença de judeus não é percebida até o período romano tardio, devido à ausência de vestígios de um assentamento rural.

Os judeus perderam a autonomia de suas cidades, principalmente em regiões de fronteira. Os romanos as ocuparam e transformaram estas em cidade gregas sob domínio do Império, com a principal função de demarcar as território

É possível notar uma característica dos judeus: *a manutenção da autonomia cultural*. O grande impacto romano na Palestina foi a religião. O judaísmo sofreu mudanças durante este período, mas não deixou de existir, apenas passou por transformações de caráter teológico e institucional, como a perda de poder do patriarcado judeu: *supressão da autoridade do Patriarcado de Israel por Teodósio II em 429, momento em que os judeus deixam de contar com qualquer liderança oficialmente reconhecida* (CARROL, 2002: 175). Uma característica diferente dos outros territórios sob domínio greco-romano no Oriente (egípcios e babilônicos). Momigliano acrescenta que *ao escrever em hebraico e conservar a independência espiritual, homens como Kohelet e Bem Sira salvaram os judeus da esterilidade intelectual que caracterizou a vida egípcia e babilônia na época dos reis helenísticos*. (1991: 90).

Momigliano na obra *Os Limites da Helenização* compreendeu a relação bidirecional dos contatos culturais do mundo antigo. Sua análise sobre os judeus tem o limite temporal dos primeiros momentos tardo antigos<sup>18</sup>,

---

<sup>18</sup> Ele estuda a interação cultural entre gregos, romanos, persas, celtas, e judeus do século IV a.C. até I a.C. *Os gregos estudaram o mundo dos celtas, dos judeus, dos persas e dos próprios romanos. Estes, por sua vez, dominaram os celtas, os judeus, os gregos e mantiveram tensas relações com os persas ao longo de séculos*. Maria Luiza Corassin. R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 149-192, ago-dez/91 a jan-jul/92.

dissertando sobre o início do contato entre romanos, romanos cristianizados e judeus na Palestina.

Parece claro que foi incentivado pelos patronos romanos a reunir informações sobre os novos países abertos à conquista e à influência romanas por Sula<sup>19</sup> e seus sucessores. A compilação sobre os judeus incluía extensos excertos em grego de fontes judias e samaritanas e parece ter sido admiravelmente objetiva nos seus próprios termos de referência. Os escritores cristãos davam valor a ela. Não podemos dizer se foi lida pelos romanos que liquidaram o reino da Síria e transformaram a Judéia numa possessão romana. Mas Pompeu soube tirar proveito das dissensões, dos costumes e tabus judeus. (1991: 95)

O argumento de Momigliano, ao dizer que os cristãos davam valor ao judaísmo, é indício que a visão de uma romanização, no sentido de aniquilação das culturas locais, estava superada. Os judeus, considerados um *povo do livro*, sofreram menos a perseguição dos cristãos que os pagãos. As pesquisas prévias em Apollonia apontam para esta direção como apresenta Marshall.

O que inicialmente tomávamos como uma aculturação, com seu sentido vertical e impositivo, revelou-se no estudo de seus artefatos e seus símbolos e informações, como um processo mais rico, em que a identidade e condições locais também se expressam, e onde diversos intercâmbios se realizam. (2003: 115-116)

Inclusive ao consultar fontes da tradição judaica é possível ver que os judeus não alteraram significativamente sua estrutura intelectual e religiosa: “no entanto, não há nenhum indício na literatura palestina que naquele tempo os judeus eram proibidos de celebrar seus ritos”. (LIEBERMAN, 1946: 331). Outro aspecto que vem tomando o tempo dos antiquistas é a relação entre o centro e periferia. Quanto mais longe do centro, mais as relações culturais são flexíveis.

Os historiadores da antiguidade, por exemplo, estão se interessando cada vez mais pelo processo de helenização, que estão começando a ver menos como uma simples imposição da cultura grega sobre o Império Romano e mais em termos de interação entre o centro e a periferia (BURKE, 2003: 20)

Para encerrar esta discussão apresenta-se uma frase de Momigliano, que sintetiza a situação dos judeus, diferente do contexto vivido por outros povos e culturas que presenciaram a dominação política romana. “Os judeus se mantiveram vivos pela mera obstinação da fé” (1991: 91).

---

<sup>19</sup> Sula 138 a.C. — 78 a.C. foi um general e estadista romano.

Não se pode fechar os olhos ao fato que a história da tolerância e da intolerância no período romano tardio não deve ser buscado no exame de alguns poucos textos, nem deve ser procurada através de incidentes apenas. Esta história pertence ao amplo conjunto de fatores culturais e políticos de todo o Império e ao trabalho das elites locais, que representavam a continuação do poder de Roma nas periferias e províncias. Nada ilustra uma percepção mais simples sobre este cenário do que a ampla repercussão de incidentes violentos contra templos pagãos e sinagoga judias que emergem nas narrativas cristãs do reino de Teodósio I, de 379 a 395.

Em relação à Apollonia, há um estudo sobre o tema desta pesquisa, feito por Letona (2003) no artigo *A Apollonia Tardo Antiga e a cristianização do espaço*. O texto pretende identificar os eventos de contato cultural e perceber nos estudos arqueológicos a ausência do cenário de decadência romana que caracteriza a parte ocidental do Império.

Em seu trabalho, Letona faz um levantamento de todos os indícios da cristianização da paisagem urbana, tanto da cidade tratada nesta monografia, como em cidade próximas como Antípatris, Ashkelon, Cesarea e Dor. Neste caso, me detenho apenas aos achados de Apollonia. Além disso, identifica todos os indícios referentes à ocupação bizantina, especialmente do século V e VI d.C.

Todos os estruturas e artefatos identificados são provenientes de quatro áreas: A e G (intramuros), E e K (extramuros). A figura abaixo é uma planta atualizada do sítio, destacando a topografia do terreno. A cor rosa mais escura representa os locais onde a altitude é maior, atingindo 35 metros. A altitude diminui em direção ao continente e estabiliza, até chegar ao fim da área de ocupação antiga, em 20 metros. Abaixo do mapa são apresentados as evidências em Apollonia de duas constatações: ausência de cenário de decadência do Império oriental e o contato entre diferentes culturas na Antiguidade Tardia.



Figura 1: planta topográfica do sítio de Apollonia, em 2010

- Estrutura identificada como um *taboon* (forno bizantino).



Figura 2: taboon bizantino. Missão APO1998

- Uma cisterna para armazenamento de água captada.



Figura 3: cisterna bizantina. Missão APO1998

- Tanques que podem ter sido usados para a fabricação de vinho ou corante púrpura



Figura 4: complexo de tanques na *villa* marítima extra muros

- Ancoradouro: presença de jarros de transporte e armazenamento de óleo e vinho. Todos os achados até aqui evidenciados apresentam duas características da Apollonia Bizantina: crescimento econômico e intensa atividade fabril.

- Lamparinas romanas e bizantinas: há uma mudança tanto na decoração das lamparinas quanto na sua forma. Lembra-se que os bizantinos não valorizavam os ícones como os romanos ocidentais. Um dos episódios mais marcantes da história bizantina é o período iconoclasta (início do século VIII – IX d.C.). As lamparinas bizantinas são decoradas com figuras geométricas, as romanas com temas da mitologia e tradição escrita greco-romana. Em Apollonia foram encontradas lamparinas romanas com as partes de pictografias partidas propositalmente. A tese sustentada<sup>20</sup> é que com a conversão de Apollonia em uma cidade cristã, elas foram quebradas, uma atitude iconoclasta.

---

<sup>20</sup> Para um estudo sobre o tema cf. BASTOS, 2011.



Figura 5: lamparina romana



Figura 6: lamparina bizantina

- lintel de pedra calcária de uma tumba de 110 cm de largura.

*O único Deus vivo, Babas  
O (filho) de Maximus neto de Cosmos  
Fez o sepulcro à Marcellina Justina  
(ROLL;TAL: 1999: 22-23)*

Esta lápide é índice da presença de samaritanos em Apollonia. É provável que a pedra foi afixada em uma edificação ou na parte superior de uma sepultura. O nome Babas é comumente utilizado por samaritanos. É datado de 176 d.C.

- *ostrakon* de 4,5 x 3 cm datado do século IV d.C. com uma inscrição em grego. Apresenta a seguinte inscrição

Frente: Marousi  
Verso: *K(úria), K(alé) /oste /ou doul (outai)*  
Tradução. *Marousi, bela senhora, não faça de mim um escravo*  
(ROLL;TAL: 1999:25)

Este texto trata de uma reivindicação de um homem à sua amada, para que esta aceite o flerte. Estas palavras mostram a conexão com a tradição erótica grega e é índice que Apollonia foi helenizada na Antiguidade Tardia

- parte da estrutura de uma Igreja bizantina, provavelmente sede do bispado. Dentro, no piso de mosaico, há uma epigrafia, reproduzida abaixo. A epigrafia é uma escrita pensada, sintética.



Figura 7: mosaico na entrada das ruínas de igreja bizantina

#### Reconstrução proposta<sup>21</sup>

αμβροσιες τελεθω και [νεκταροσ οικο]σ αρειον και με Μαρινοσ ετευζε θεον[ν  
κλυτομ] ητιν α[ιρ]ων [μυσ] τικον ακρααντον αι νοον ηνιοχευων.

#### Tradução<sup>22</sup>

*Eu sou uma Igreja melhor que ambrosia e néctar, e Marinos me erigiu  
exaltando o Deus-celebrado-por-sua-sabedoria e sempre regente puro e  
místico espírito (Roll, 1999: 31).*

Um texto cristão bizantino com métrica homérica, o hexâmetro dactílico e com duas palavras estranhas à cultura cristã: néctar e ambrosia, alimentos dos deuses da mitologia clássica. São usados aqui para exaltar uma nova divindade e sua soberania espiritual e espacial. Além disso, o piso de mosaico é todo decorado com figuras geométricas.

O que houve em Apollonia foi uma síntese do processo de *cristianização do espaço*. Uma igreja com decoração romana e bizantina, epigrafia cristã com referências clássicas. Uso de elementos fora da cultura clássica para provar a superioridade da fé cristã. As tradições antigas sobrevivem, mas são ressignificadas e adaptadas à nova realidade cultural.

No próximo capítulo serão apresentadas as novas pesquisas em Apollonia, derivadas da APO2012.

<sup>21</sup> Retirado de Rahel Birnbaum e Aher Ovadia (A greek inscription from the Early Byzantine Church at Apollonia. Israel Exploration Society 40 (1990) p. 182-191

<sup>22</sup> ROLL, I.:AYALON, E. Apollonia and the Southern Sharon, Model of Coastal City and its Hinteland. Tel Aviv, 1989, p. 280.

### Capítulo III – A missão APO2012 e as novas perspectivas de pesquisa

Este capítulo propõe-se a uma descrição detalhada da última expedição brasileira à Apollonia. Além disso, impressões e interpretações pós trabalho de campo. Uma visão sobre a área R, entendida dentro da paisagem social urbana tardo antiga. Essas conclusões foram discutidas com o Dr. Oren Tall, da Tel Aviv University, diretor das escavações em Apollonia.

Em agosto deste ano, uma equipe de pesquisadores da UFRGS e UFPEL realizaram a Missão AP 2012, no sítio de Apollonia-Arsuf, hoje um parque nacional. A expedição foi coordenada pela arqueóloga Raquel Rech. O objetivo geral do trabalho foi continuar<sup>23</sup> a escavação da **Área R**<sup>24</sup> (próximo ao castelo).

Foram definidas como **metas** para esta missão na **Área R** intra-muros:

**1º-** continuar escavando a **Área R**, iniciada em 2009, em busca de vestígios de edificações significativas, principalmente romanas tardias.

**3º-** encontrar vestígios de um segundo complexo de tanques<sup>25</sup>, sendo o primeiro escavado na missão de 1998 na Área E extra-muros, situado entre a muralha externa e as ruínas da *villa maritima*;

**4º-** trazer à luz demais vestígios dos períodos romano e seguintes que possam fornecer maiores informações relacionadas aos períodos romano tardio, bizantino, muçulmano e cruzado.

**5º-** registro fotográfico;

**6º-** apresentação de palestra da coordenadora da equipe brasileira, Dr. Raquel Rech, nas *lectures* pós almoço no sítio.

---

<sup>23</sup> Esta área começou a ser escavada por pesquisadores da Tel Aviv University e voluntários no ano de 2009.

<sup>24</sup> Para a visualização da área, retorno à planta topográfico do sítio, na página 24.

<sup>25</sup> Este segundo complexo de tanques foi trabalhado no capítulo anterior, para voltar à imagem das piscinas, vá à página 25.

Deste planejamento conseguiu-se trazer à luz vestígios que possam fornecer maiores informações relacionadas aos períodos romano tardio, bizantino, muçulmano e cruzado no sítio, além do clareamento completo de uma segunda piscina relacionada ao complexo de tanques bizantinos.

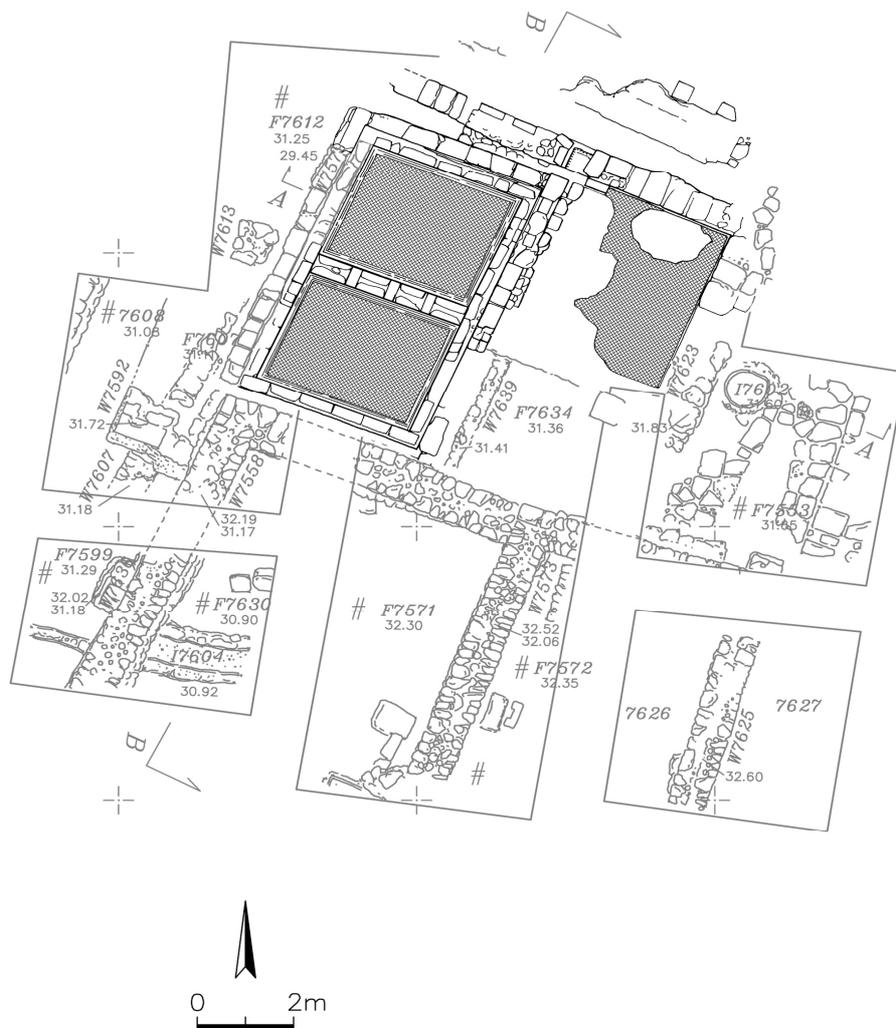


Figura 8: planta baixa da estrutura da Area R. As partes em cinza escuro representam mosaicos

A Área R possui três níveis de ocupação: bizantina, muçulmana e medieval. Quanto à estruturas arquitetônicas, as escavações evidenciaram indeterminadas dos períodos muçulmano e cruzado. Também foram encontrados nas diferentes camadas estratigráficas artefatos isolados, tais como fragmentos de recipientes cerâmicos e de vidro, pavimentos de reboco,

lamparinas, anéis, e moedas, datando do período bizantino até o cruzado. Além das estruturas e artefatos, uma camada de terra vermelha (*hamra*) foi escavada no nível de ocupação muçulmana até chegarmos a fragmentos de cerâmica helenística, algo incomum e sem uma resposta até o momento.

Os registros fotográficos foram realizados pelos membros da equipe. As fotos técnicas foram feitas pela coordenadora Raquel Rech e pelo secretário, autor desta monografia.

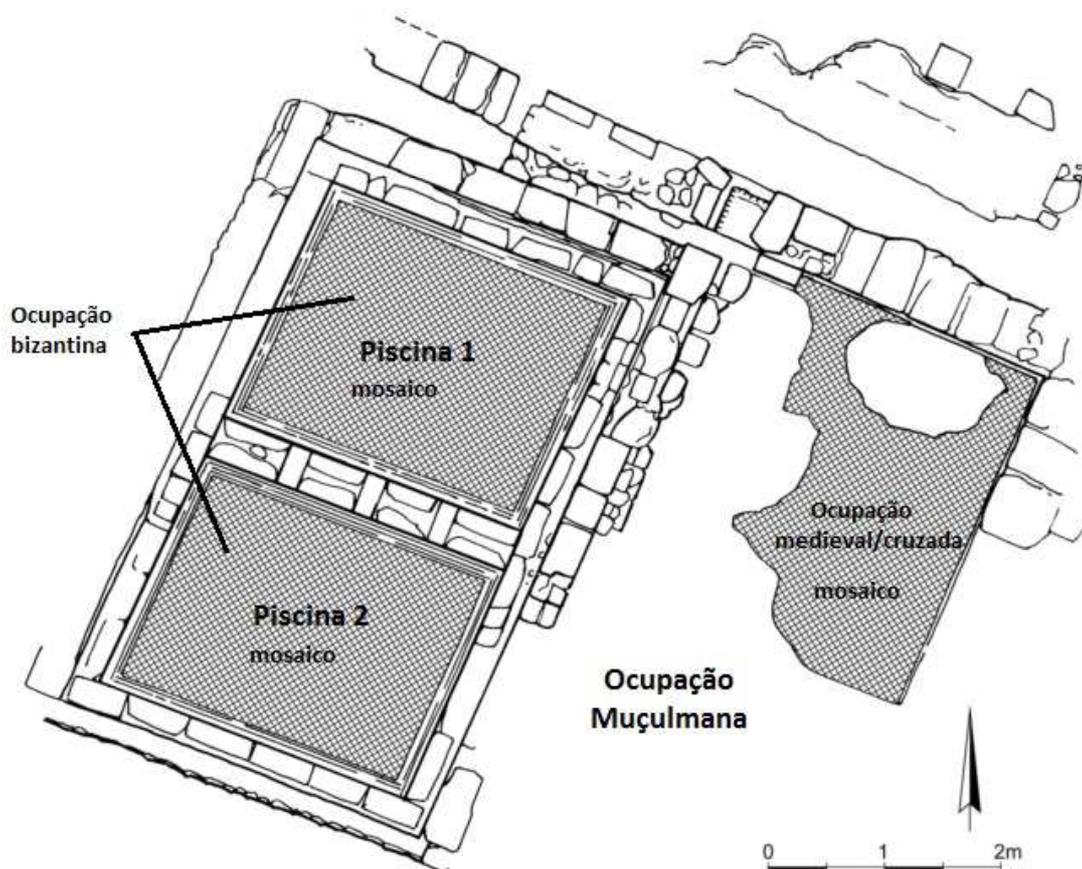


Figura 9: Recorte da planta baixa da Área R, com as partes já escavadas ou em processo de escavação

### **Etapas da escavação**

1ª- limpeza da piscina número 1: retirada de detritos pós-escavação.

2ª- início do clareamento da piscina número 2: local de maior quantidade de achados (lamparinas, ossos, cerâmica, vidro, pedras de mosaico, conchas,

moedas). O piso é formado por um mosaico com figuras geométricas, assemelhando-se à piscina 1.



Figura 10: Evidenciando o piso mosaico romano tardo antigo no tanque 2.

3ª- retirada de *berna* no nível de ocupação medieval: nesta, foram encontradas artefatos de uso cotidiano – tigelas e utensílios cerâmicos (todos identificados como artefatos de fabricação medieval).



Figura 11: jarro cruzado de pequeno porte



Figura 12: pote cruzado de pequeno porte

4ª- clareamento da área de ocupação muçulmana localizada entre as áreas bizantina e medieval: neste local, de estrutura não identificada, foram localizadas lamparinas e materiais cerâmicos, além de vidro e ossos. Depois de atingida a terra virgem, foi encontrado cerâmica helenística preta. Pequenos

fragmentos em bom estado de conservação. Além disso, foram achados indícios de um *taboon*.

5ª- clareamento de área medieval: parte mais interna do sítio, sentido mar-continente. Estrutura de casa medieval com uma pequena área de piso mosaico. Além de artefatos: cerâmica (incluindo a boca de uma ânfora), vidro, ossos e uma ponta de flecha em metal, foram identificados sinais de um segundo *taboon* na área R.

6ª- clareamento na parte externa das estruturas medievais com o objeto de mapear a continuidade da construção. Foram encontrados material cerâmico e evidências de um terceiro *taboon*.



Figura 13: parte da Área R pós-intervenção da equipe brasileira

As piscinas bizantinas fazem parte da cidade que, como já foi citado, conheceu prosperidade e aumento populacional no período romano tardio e bizantino. O fato de os tanques servirem para o armazenamento e salga de pescados revela sua característica fundamental: devido ao cheiro e sujeira, a localização era distante das casas e principais locais públicos. Faz parte de

vários elementos da infraestrutura da cidade, e. g., a cisterna<sup>26</sup>. No interior do local 2, foram encontrados cerâmica, ossos e carvão, o que caracteriza uma área de descarte, notadamente para os moradores do período bizantino e muçulmano. Neste tanque não foram encontrados artefatos medievais ou cruzados, indício de não utilização do espaço para descarte e consequente tapamento do tanque no fim da ocupação muçulmana.



Figura 14: vidro de perfume bizantino



Figura 15: lamparina muçulmana

As paredes dos tanques são revestidas por pedras de grande envergadura e de colocação precisa. Foram encontrados indícios de pedaços de *caementum*, o que faz supor um revestimento. O piso é um mosaico de pequenas pedras (de cor clara e corte preciso). Comparando o mosaico romano tardo antigo com o cruzado há diferenças perceptíveis: processo de declínio no saber de construção mosaica. O piso bizantino é organizado enquanto o cruzado é passível de irregularidades. Outra discrepância é a ordenação: enquanto um é geometricamente pensado, com margens em um sentido e interior em diagonais paralelas, o outro é simples e possui irregularidades geométricas.

As estruturas muçulmanas são de difícil interpretação, mas é possível constituir-se de uma base para uma construção. Acima deste nível é percebida uma edificação medieval. Possui ambientes pequenos, o que pode caracterizar uma residência. Pelo seu tamanho, de grande porte, uma casa de elite ou figura central na cidade, contando inclusive com um piso mosaico em uma área de entrada da edificação.

---

<sup>26</sup> Para visualizar a imagem da cisterna volte para a página 25.

Os achados do período bizantino na área R corroboram com as características gerais da Apollonia bizantina tardo antiga: uma cidade próspera com ampla infraestrutura de manufatura e armazenamento. Esta área se junta, notadamente às áreas K e E, onde a presença bizantina se revela.

Novas perspectivas de pesquisa se abrem a partir na missão AP 2012. Temas como: a identificação completa da cidade bizantina; suas áreas públicas e privadas; seu desenvolvimento cultural para além do caráter sócio religioso e novos estudos sobre os sistemas de armazenamento alimentício das cidades antigas, no período tardio, estão em aberto, e passíveis de desenvolvimento monográfico. O sítio de Apollonia e a Área R podem contribuir com essas linhas de pesquisa.

## Considerações finais

Mas quais são as causas da dissolução e problemas sociais do Império como um todo no período tardio? Como afirma Guarinello (2010) talvez a resposta mais oportuna seja: a incapacidade das elites de tornar a integração econômica e cultural em uma integração verdadeiramente social. Um império em dois: ocidental e oriental. Uma realidade em duas: crise e prosperidade.

Na Palestina, em especial Apollonia, pode-se apontar, a partir das discussões acima, três resultados do contato entre diferentes culturas na Antiguidade Tardia. O primeiro é o sincretismo religioso: expressando através do uso de ritos e nomes da tradição judaica, samaritana e greco-romana no culto cristão. Um segundo é a percepção de choques violentos, em Apollonia é evidenciado pela iconoclastia de figuras pagãs. O terceiro e último o que é chamado aqui de cristianização do espaço urbano, no tocante à utilização de símbolos cristãos no espaço público.

As identidades em Apollonia não se apresentam visíveis. É preciso um olhar atento, mas também observar que, se os artefatos não indicam claramente etnia ou pertencimento, eles podem indicar uma escolha ou imposição de um culto religioso. Os fatos são que, por um lado houve reações violentas dos cristãos frente aos símbolos pagãos e, por outro, a mistura de elementos das diferentes matrizes religiosas na formação do culto cristão bizantino em Apollonia. Além disso, em momentos de estabilidade econômica, os conflitos sociais tendem a minimizar-se e forma-se uma coesão que resulta em relações identitárias mais flexíveis.

A área R representa uma das características principais de Apollonia: as várias ocupações durante 18 séculos. Entender este cenário de continuidades e permanências é compreender o espaço urbano como jogo, onde o que importa para os historiadores não é a vitória ou derrota, mas as estratégias que são usadas.

## Referências Bibliográficas

### Fontes Primárias

Banco de Imagens Projeto Apollonia

CESAREA, Eusébio. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século. 2002

ROLL, Israel; TAL, Oren. **Apollonia-Arsuf. Final Report of Excavation I**. Tel Aviv. 1999

### Bibliografia Consultada

ANDERSON, Perry, **Origins of Post-Modernity**. Londres: Verso, 1998

BASTOS, Márcio Teixeira. **Cristianização dos espaços na Antiguidade Tardia: o caso de Apollonia-Arsuf**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo, 2011

BOADO, Felipe Criado. **Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje**. Santiago de Compostela: Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje. Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisaje. 1999

BROWN, Peter. **The Making of Late Antiquity**. London: Harvard University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Christianisation: Narratives and Processes**. In: The Tanner Lectures on Human Values – Aspects of the Christianisation of the Roman World. New York: The Cambridge University Press, 1993. P. 139.

\_\_\_\_\_. **Pagan**. In Bowersock, Glen Warren; Brown, Peter Robert Lamont; Grabar, Oleg, (eds). *Late Antiquity: a guide to the postclassical world*, 1999.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos. 2003

DANIEL, Jerry. **Anti-Semitism in the Hellenistic-Roman Period**. The Society of Biblical Literature: Journal of Biblical Literature, vol. 98, No. 1, 1979, pp. 45-65. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3265911>. Acessado em 20/06/12

FREEMAN, Charles. **A New History of Early Christianity**. London: Yale University Press, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luis. **Ordem, Integração e fronteira no Império Romano**. Mare Nostrum, vol. 1, 2010.

GRUZINSKI, Serge. **El pensamiento mestizo: Cultura ameríndia y civilización del Renacimiento**. Barcelona: Paidós, 1999

HAVERFIELD, F. **The Romanization of Roman Britain**. Oxford: Oxford University Press, 1915.

JAMES, Edward. **The Rise and the Function of the Concept “Late Antiquity”**. Journal of Late Antiquity, Volume 1, Number 1, Spring 2008, pp. 20 – 30.

KERN, Arno; DIAS, Adriana Schmitd. **A propósito das relações entre Arqueologia e História no estudo das sociedades antigas.** In Anais do IV Simpósio de História Antiga e I Ciclo Internacional de História Antiga Oriental. Porto Alegre: UFRGS. 1990.

LETONA, Márcio. **A Apollonia Tardo Antiga e a cristianização do espaço.** In. Revista Anos 90. Porto Alegre: Programe de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 10, nº 17, 2003.

LIEBERMAN, Saul. **Palestine in the Third and Fourth Centuries.** University of Pennsylvania Press: *The Jewish Quarterly Review* , New Series, Vol. 36, No. 4, 1946, pp. 329-370. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1452134> . Acessado em 14/06/12

LOFTUS, Francis. **The Anti-Roman Revolts of the Jews and the Galileans.** University of Pensilvanis Press *The Jewish Quarterly Review* , New Series, Vol. 68, No. 2 1977, pp. 78-98. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1454558>. Acessado em 30/06/12

LUCKENBILL, D. **The Early Religion of Palestine.** The University of Chicago Press: *The Biblical World* , Vol. 35, No. 5, 1910, pp. 296-308. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3141550>. Acessado em 25/06/12

MARCONE, Arnaldo. **La tarda antichità o della difficoltà delle periodizzazioni.** Studi Storici, Anno 45, No. 1, Gli “Spazi” del tardoantico (Jan. – Mar., 2004), pp. 25 – 36.

MARSHALL, Francisco. **Habitação e Cidade: Ordenação do espaço no mundo clássico.** In. Revista Anos 90. Porto Alegre: Programe de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 14, 2000.

----- **Projeto Apollonia – Histórico, resultados e perspectivas.** In. Revista Anos 90. Porto Alegre: Programe de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 10, nº 17, 2003.

MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha y DAVIDSON, Jorge. **A experiência imperialista romana: teorias e práticas.** *Tempo* [online]. 2005, vol.9, n.18, pp. 17-41. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042005000100002>.

MOMIGLIANO, Arnaldo, **Os limites da Helenização.** Tradução por Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

SARADI-MENDELOVICI, Helen. **Christian Attitudes toward Pagan Monuments in Late Antiquity and Their Legacy in Later Byzantine Centuries.** *Dumbarton Oaks*, Trustees for Harvard University :Dumbarton Oaks Papers , vol. 44, (1990), pp. 47-61. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1291617>. Acessado em 25/06/12

STERN, Ephraim (ed.). **The New. Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land.** Jerusalém: The Israel Exploration Society. Volume 1, 1993

STROUMSA, Gedaliahu G. **Religious Contacts in Byzantine Palestine.** BRILL: *Numen*. Vol. 36, Fasc. 1, 1989, pp. 16-42. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3269851>. Acessado em 12/06/12